

narrativas de uma extensão sentipensante: quando caminhamos nessa deriva, acontece o amor

narratives of a fellthinking extension: when we walk in this drift, love happens

narrativas de una extensión sentipensante: cuando caminamos en esta deriva, surge el amor

ricardo tammela¹

resumo

Ao caminhar à deriva pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, não caminhamos ao acaso, mas motivadas ao encontro, no rumo e no tempo determinado por quem caminha e pelo cotidiano de onde caminhamos... os encontros não acontecem por acontecer, eles acontecem como resultado de uma interação, e se essa interação é recorrente, somos afetadas e nos acontecem mudanças e acontece a linguagem... que nos toca... e no toque, que pode ser sonoro, mas também físico, pelo abraço, acontece o afeto, acontece o amor... e no amor, acontece o compromisso, acontece a confluência. O texto vem contar a experiência de caminhar à deriva e de como somos afetadas por esse movimento. O se colocar à deriva é um conceito importante que, junto com o *caminhar*, o *encontrar* e o *dialogar*, a *experiência*, o *paradigma indiciário* e o *sentipensante*, fazem a trama do que viemos chamar de uma extensão sentipensante.

Palavras-chave: Extensão. Extensão sentipensante. Deriva. Amor. Extensionista.

abstract

While wandering adrift through the streets and easements of the Vale do Carangola, Rio de Janeiro, we do not walk at random, but motivated to encounter, in the direction and time determined by those who walk and by the daily life of where we walk... encounters do not happen just for the sake of it, they happen as a result of an interaction and if this interaction is recurrent, we are affected and changes happen to us and language happens... which touches us... and in the touch, which can be auditory, but can also be physical, through the embrace, affection happens, love happens... and in love, commitment happens, confluence happens. The text aims to tell the experience of wandering adrift and how we are affected by this movement. Drifting is an important concept, which together with walking, encountering and dialoguing, experience, the indicative paradigm, and the thinking-sentinel, make up the plot of what we have come to call a fellthinking extension.

Keywords: Extension. Fellthinking extension. Drift. Love. Extensionist.

resumen

Al caminar a la deriva por las calles y servidumbres del Vale do Carangola, no caminamos al azar, sino motivadas para encontrarnos, en la dirección y en el tiempo determinado por quien camina y por la vida cotidiana en la que caminamos... los encuentros no suceden por suceder, suceden como resultado de una interacción y si esta interacción es recurrente, nos afecta y nos

¹ Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil; arte-educador, extensionista e pesquisador dos cotidianos; coordena a área de Projetos e Extensão do Centro Universitário Arthur Sá Earp Neto, Rio de Janeiro, Brasil / Master in Education, Catholic University of Petrópolis, State of Rio de Janeiro, Brazil; art educator, extension worker, and researcher of everyday life; coordinates the Projects and Extension area of the Arthur Sá Earp Neto University Center, State of Rio de Janeiro, Brazil (ricardo.tammela@gmail.com).

sucedem cambios y sucede el lenguaje... que nos toca... y en el contacto, que puede ser sonoro, pero también puede ser físico, a través de los abrazos, pasa el cariño, pasa el amor... y en el amor pasa el compromiso, pasa la confluencia. El texto cuenta la experiencia de la deriva y cómo nos afecta este movimiento. Dejarse a la deriva es un concepto importante, que junto con el caminar, el encuentro y el diálogo, la experiencia, el paradigma probatorio y lo sentipensante, forman el tejido de lo que hemos dado en llamar una extensión sentipensante.

Palabras clave: Extensión. Extensión sentipensante. Deriva. Amor. Extensionista.

as palavras que vêm antes

Uma amiga me disse um dia que seria importante eu cuidar da leitora e do leitor que estariam passeando pelo texto... foi um conselho que guardei no coração. O texto nasce de meu sentipensar e vai pegando rumo e vai ganhando vida e vai me levando junto. Estou tão derramado na narrativa que tudo faz sentido... mas esse movimento pode deixar a leitora perdida e o leitor perdido. Convém, então, anunciar algumas palavras que podem ajudar a leitora e o leitor a se situarem no contexto da narrativa.

O narrador sou eu: extensionista sentipensante, professor, arte-educador, pesquisador com os cotidianos. Conto essa narração a partir de uma experiência que me acontece em um bairro de classes populares na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, em um projeto de extensão comunitária de um Centro Universitário dessa cidade.

O bairro de classes populares é o *Vale do Carangola*, que um dia se chamou *Sertão do Carangola*, e que, antes ainda, se chamava *Saudades do Sertão*². O Vale do Carangola fica situado em um vale cercado de vegetação de Mata Atlântica. Ao seu lado esquerdo, de quem chega pelo Centro de Petrópolis, tem um condomínio de classe alta – entre o condomínio e o Vale do Carangola, há um muro alto, que corre pela lateral, quase escondido por dentro da mata, um muro que separa a abundância da escassez. Um terreno de uma casa do condomínio deve equivaler a dez casas no Vale do Carangola.

A Unidade de Saúde da Família do bairro diz que lá tem em torno de 4.000 moradoras cadastradas e moradores cadastrados no e-SUS. Para a comunidade, esse número é bem maior.

É um bairro marcado pela escassez, pelas ausências, apesar de ter dentro dele diversos equipamentos públicos nas áreas de saúde, educação e assistência social. É um bairro formado

² A história do Vale do Carangola pode ser encontrada em minha dissertação de mestrado: *nos caminhos de uma extensão sentipensante*, disponível na Plataforma Sucupira, no endereço: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11896417.

por refugiadas e refugiados do clima, gentes que perderam casas, outras gentes, objetos, identidades, pertencimentos, histórias, experiências, afetos... nos deslizamentos de terra causados pelas chuvas³.

O Vale do Carangola fica a 12 km do Centro de Petrópolis, mas também pode ser acessado pela BR 040. Tem transporte coletivo, mas é precário e de baixa qualidade, apesar da passagem custar R\$ 5,30.

As moradoras e os moradores do Vale do Carangola são essas gentes amorosas e malandras⁴, que não têm nome nas ruas, que não estão nas histórias oficiais e nem são convidadas e convidados para as festas imperiais⁵ da república, mas são quem abrem as ruas e constroem os prédios, quem recolhe os resíduos das festas, quem serve, quem cozinha, quem carrega, quem limpa, quem arruma, quem conserta... quem sobra, quem fica de fora. São as gentes que encontramos quando caminhamos pelas ruas, servidões e encruzilhadas do Vale do Carangola.

Somos extensionistas do Projeto de Extensão Comunitária Vale do Carangola, da Unifase, um Centro Universitário da cidade de Petrópolis. Nossas andanças pelas ruas do Vale do Carangola começaram em 2014, mas foi em 2018 que, além das ruas, começamos a caminhar pelas servidões e encruzilhadas do bairro. Foram os primeiros passos de pesquisa de um outro jeito de fazer extensão, uma extensão como essa que atravessa essa narração⁶ e que, hoje, chamamos de extensão sentipensante.

A narração é sobre uma experiência que me acontece e os saberes que vêm dela. Seria eu um *narrador* ou um *contador de histórias*? Benjamin (2018, p. 139) nos fala que o contador de história, “por muito familiar que o nome soe – deixou de ser entre nós uma presença viva e eficaz. É para nós qualquer coisa já distante, e sê-lo-á cada vez mais”. Esse modo positivista de ver o mundo, que separa razão de emoção... essa modernidade mono, que estabelece que existe apenas um modo de entender o mundo, um modo de amar, um modo de acreditar, um modo de ser, diz também que existe um único modo de escrever acerca do conhecimento. No senso comum, se produz textos com o que nos passa – informações que passam pela gente e que vamos relacionando e validando com o que outras e outros que já pensaram sobre o assunto

³ O primeiro grupo de refugiadas e refugiados do clima chegou no Vale do Carangola quando o bairro ainda se chamava Sertão do Carangola, em 1988.

⁴ Nas religiões de matriz afro, a representação do malandro é aquele sujeito que vira a esquina fazendo curva aberta, para evitar o conflito. A malandragem do malandro está em todo mundo ter o que comer, está em compartilhar, está em ser por todos e todas.

⁵ Petrópolis carrega um orgulho sem sentido de se chamar de única cidade imperial da América.

⁶ Contamos sobre esse jeito de fazer extensão no artigo “trama de uma extensão sentipensante”, publicado na *Revista de Educação Popular*, em edição especial, em outubro de 2023, que pode ser acessada em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/68952>.

falam sobre. Meu senso é incomum e venho narrar o que me acontece – um saber que vem da experiência que me acontece e que dialoga com a experiência e o saber de outras e outros.

A experiência nos acontece de forma única e singular, e acontece diferente para cada extensionista que vive o mesmo momento. E quando eu conto a experiência que me aconteceu, já é uma outra experiência, pois no momento em que eu a conto, é outro momento, e a forma como fui afetado pela experiência vai afetar, também, a contação dela. Benjamin (2018, p. 144) fala que o “contador de histórias vai buscar a sua matéria à experiência, a própria ou as que lhe foram relatadas. E volta a transformar essa matéria em experiência”. Venho, portanto, contar acerca de uma experiência que me acontece quando caminho pelas ruas, servidões e encruzilhadas do Vale do Carangola, que um dia foi Sertão do Carangola e, antes ainda, foi Saudades.

O contador de histórias assimila ao seu próprio saber também aquilo que aprendeu com o que ouviu de outros. A sua vocação é a sua vida, a sua dignidade a de poder contar toda a sua vida. O contador de histórias é o homem que poderia deixar arder completamente o pavio da sua vida na chama suave da sua narrativa (Benjamin, 2018, p. 166).

Se a experiência que me acontece é única e singular, o saber que vem dela é trançado com as vozes de muitas gentes... gentes que caminham comigo, gentes que encontro no caminho, gentes que dialogo – são lideranças, são moradoras, são moradores, são extensionistas, são autoras, são autores, são poetisas, são artistas, são encantadas e encantados e são outras tantas gentes que vão, de alguma forma, dialogando.

Escolho fazer essa contação na primeira pessoa do singular, mas quando o que conto acontece no coletivo, conto na primeira pessoa do plural. Todo o texto é político e traz em seu contexto um posicionamento ideológico. Por isso, escolho fazer essa contação observando a questão de gênero de forma cuidadosa: quando me refiro a uma fala minha, utilizo o gênero masculino; quando falo das extensionistas, utilizo o gênero feminino, uma vez que a maioria das extensionistas do Projeto de Extensão Comunitária Vale do Carangola é composta por alunas; quando me refiro às pessoas que encontramos no caminho, utilizo uma forma neutra, como “gentes”, ou utilizo a palavra nos gêneros feminino e masculino; e, quando trago alguma fala de poeta, artista, autora ou autor, mantenho o texto no original.

O texto também tem uma estética e um estilo, e, por vezes, vai subverter esse jeito mono de escrever sobre o conhecimento e vai riscar um jeito próprio de contar acerca da experiência e dos saberes que vêm dela. Os parágrafos seguem as orientações para a publicação, assim como as citações de outras autoras ou autores. Porém, as poesias e canções

dançam em outro compasso, desenham outros ritmos e se apresentam de um outro jeito. Compõem a narração, assim como a fotografia, que conta em outra linguagem os afetos que acontecem na experiência. Nesse contexto, a fotografia não é mera ilustração do texto. Trago na narração trechos do *Diário de Sentimentos de Campo*, na qual faço o registro das caminhadas, do que me acontece e de como sou afetado por ela – são vozes minhas ou de outras gentes, e que confluem para o texto, formando uma única linha dessa trama. Esses pensamentos estão indicados por “[]” e estão em itálico.

Nessa experiência que me acontece, pesquiso outros jeitos de fazer extensão e, nesse caminho, cheguei na *extensão sentipensante*. Conto esse caminho e acerca dessa experiência de um jeito mais detalhado no texto de minha dissertação *nos caminhos de uma extensão sentipensante*⁷. Nessa pesquisa, e quando penso nesse jeito de fazer extensão, encontro algumas pistas que trazem umas encantarias que me desassossegam e me fazem sentir mais e pensar mais e querer contar mais... são três fios de urdidura dessa trama que estamos tecendo acerca de uma *extensão sentipensante*...

o estar à deriva

o caminhar e o encontrar e o dialogar

a experiência, o paradigma indiciário e o sentipensante

Aqui, eu conto sobre *o estar à deriva* – um estado em que nos colocamos quando caminhamos pelas ruas, servidões e encruzilhadas do Vale do Carangola. É o primeiro fio de urdidura dessa trama.

Para finalizar, gostaria de agradecer à professora Maria Teresa Esteban, pelo acolhimento e carinho com a leitura e crítica à esta narração e à extensionista Gleicielly Zopelaro Braga, por ser essa caminhante dos caminhos por uma extensão sentipensante, que pensa comigo e faz a primeira leitura do que escrevo.

⁷ Cf. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11896417.

quando caminhamos nessa deriva, acontece o amor

Navegação à Deriva

quem navega à deriva
sabe que há vida além dos mares nos mapas além das bússolas,
astrolábios, diários de bordo
além das lendas dos monstros marinhos, dos mitos

quem navega à deriva
acredita que há nos mares miragens, portos inesperados, ilhas
flutuantes, botes e salva-vidas água potável, aves voando sobre
terra, vertigem

quem navega à deriva
aprende que há mares dentro do mar à vista profundidade
secreta, origem do mundo, poesia escrita cifrada à espera de
quem lhe dê sentido

quem navega à deriva
se perde da costa, do farol na torre, dos olhares atentos, dos
radares, das cartas de navegação imigra para mares de imprevista
dicção
(Manual de instruções para cegos⁸).

Os passos movimentam o tempo... caminhamos devagar pelas ruas e servidões do Vale do Carangola para atrasar o fim do dia – isso nós aprendemos com Manoel de Barros⁹. São vias riscadas na escassez, linhas que se interligam em lógicas próprias e que vão tecendo uma estética singular, uma estética popular. Casas e barracos que as linhas desvelam, morada das gentes populares, os refugos e os recursos que sustentam a crueza dessa modernidade, que como nos fala Krenak (2020), nos levam em direção ao abismo.

*[(...) aconteceu muita coisa nesse dia no Vale do Carangola... – “a miudeza do cotidiano, em que a vida não para” (Simas, 2021, p. 91). Difícil registrar tudo e nem cabe e não são as histórias que são contadas nas conversas o que importam nesse relato, mas o estado de se colocar à deriva e deixar as forças que acontecem te conduzirem... tanto no rumo do caminho, seja a pé ou de carro, quanto no rumo das palavras que acontecem nas conversas e que não precisam concluir nada... se colocar em estado de deriva, no caminho e nas palavras...]*¹⁰.

⁸ QUIROGA, M. V. **Manual de instruções para cegos**. Rio de Janeiro: 7 Letras; Juiz de Fora: FUNALFA, 2004.

⁹ Poesia *O Andarilho*, de Manoel de Barros.

¹⁰ Trecho retirado de TAMMELA, R. **Diário de sentimentos de campo**. Petrópolis: [s. n.], 2023. Não publicado.

Maturana (2006, p. 81) fala que a palavra *deriva* “faz referência a um curso que se produz, momento a momento, nas interações do sistema e suas circunstâncias”. Quando caminhamos pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, somos uma parte desse sistema que está em interação contínua. O sistema Angela-gentesdoValedoCarangola-Extensionista¹¹ determinava o rumo que seguíamos – *[Angela queria que a gente fosse ver Seu Chico... um velho da comunidade, de 92 anos. Ela disse que Seu Chico queria me ver... (...) Antes de ir na casa de Seu Chico, Angela queria pegar a cadeira de rodas na Unidade de Saúde da Família, que ela conseguiu emprestada. Fomos até lá... fomos de carro, porque estava muito quente e o sol estava a pino. Dadá foi junto e foi um momento feliz... Na casa de Seu Chico, ouvi histórias do Vale do Carangola de quando ainda nem era “Saudades do Sertão”, de quando tudo ali pertencia a um alemão que foi preso durante a segunda guerra mundial... essa parte da história, eu ainda não conhecia (...) Quando saímos da casa de Seu Chico, Angela quis ir nas casinhas para conversar com Nice, sobre ela preparar alguma decoração para a festa de natal das crianças, que vai acontecer no dia 16 – Nice é artesã, faz muita coisa e mora no Vale do Carangola, no lado marcado por mais escassez... Angela disse, também, que Dilma queria me ver... fui em casa de Dilma, mas ela não estava e fui ter com Angela e Dadá, que já conversavam com Nice... ficamos muito tempo ali e depois de muitas histórias e acertos, fomos embora... ao invés de descer a rua, Angela disse para irmos por cima e no caminho encontramos Dilma... paramos e pegamos na conversa... depois de outro tanto tempo, fomos embora... deixei Angela e Dadá em casa e segui...]*¹².

Como extensionistas, caminhamos à deriva por essas linhas que desenham as ruas e servidões do Vale do Carangola e que vão tecendo histórias. Caminhamos para nos encantarmos com os sinais e as pistas¹³ que vamos apanhando no percurso... caminhamos e somos atravessados/as por pessoas, objetos, cores, sons, cheiros, sentimentos, sensações... lugares onde a história não é contada... caminhamos para nos comprometermos com as gentes dessas histórias, e, junto com elas, encontrarmos os inéditos viáveis que vão riscar caminhos “nas possibilidades da utopia, na transformação de si, pela transformação do mundo”. Nita Freire fala que

¹¹ Maturana (2006, p. 81) desenvolve esse conceito usando a imagem de um barco à deriva – “o curso que o barco segue não é qualquer um, é um curso que se configura, momento a momento, no encontro entre as ondas, o vento e o bote. Esse sistema bote-ondas-vento é um sistema determinista dentro da especificação das características do vento, das ondas e do bote”.

¹² Trecho retirado de TAMMELA, R. **Diário de sentimentos de campo**. Petrópolis: [s. n.], 2023. Não publicado.

¹³ Compreendendo os sinais e as pistas que recolhemos quando caminhamos, conseguimos, junto com as gentes do Vale do Carangola, pensar as ações extensionistas que podem acontecer... ou não.

os inéditos viáveis, além de serem sonhos coletivos, deverão estar a serviço da coletividade, não têm um fim em si mesmos. São, portanto, sonhos fundamentalmente democráticos a serviço do mais humano que existe em nós seres humanos: assim, nos induzem a criar um novo homem e uma nova mulher para uma nova sociedade: mais justa, menos feia, mais democrática, relembro Paulo. Portanto, na realidade são as barreiras, as “situações-limite” depois de “percebidas-destacadas”, que permitem o sonho da realização da utopia da humanização, a concretização do SER MAIS e da autêntica Democracia (Freire, 2010, p. 265).

Não estamos perdidas quando nos colocamos em estado de *deriva*. Seguimos um rumo, o rumo determinado pelo sistema, e se mudarmos uma parte do sistema, o rumo já será outro e se qualquer das partes do sistema sofrer alguma mudança, o rumo também será outro. Nas ruas, servidões e encruzilhadas do Vale do Carangola, somos esse sistema complexo, composto pelas lideranças comunitárias que caminham com a gente, pelas gentes marcadas pela escassez – as gentes do Vale do Carangola e seu cotidiano e pelas extensionistas do Projeto de Extensão Comunitária Vale do Carangola. É um sistema dinâmico e que está em constante mudança. Mesmo quando estamos paradas, o sistema permanece em mudança.

O me colocar em estado de *deriva* é me colocar como um sujeito aberto, exposto, território sensível, passivo, “porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção” (Larrosa, 2002, p. 24).

Quando caminhamos à deriva, nos colocamos a possibilidade do encontro – o encontro com o meio, o encontro com a outra, o encontro com o outro, o encontro com o cotidiano, o encontro comigo mesmo. Quando há o encontro, ele me acontece e ele me afeta, provoca interações e transformações, e isso acontece porque somos esse sujeito inconcluso que Paulo Freire fala (2020). Me compreendendo como um ser inacabado, em constante transformação, entendo o que Maturana (2006, p. 82) diz quando considera que nossa vida é “uma deriva de mudança estrutural contingente com nossas interações”, com os encontros que nos acontecem quando nos colocamos à deriva no caminho, “organismo e meio vão mudando juntos, uma vez que se desliza na vida em congruência com o meio” (Maturana, 2006, p. 80),

[vou acontecendo e mudando a partir do que me acontece. Os encontros com outras gentes, os caminhos que vou, as palavras que apanho e outras que me são dadas, os territórios que me atravessam... são o que me acontece, o que me afeta, o que me toca, o que me desassossega. As experiências com que vou tecendo minha história vão dando sentido ao jeito como me coloco no mundo, ao jeito como pronuncio meu sentido. Quando caminho pelo Vale do Carangola, que um dia foi Sertão e também já foi Saudade, sou esse tudo que me

*aconteceu. Esse amontoado de sentimentos, de palavras, de verdades, de cores, de formas, de perguntas, de desassossegos que carrego junto comigo*¹⁴.

*[...] eu gosto de andar, de visitar as pessoas, de ajudar (...) para mim é muito importante essa caminhada sua, espero a gente sempre continua, para mim faz bem. essa caminhada que a gente faz, é um tipo de melhoria pra minha saúde. As pessoas falam ‘a senhora tem que continuar visitando a gente’, eu também gosto, eu sinto falta, é muito importante pra gente]*¹⁵... quando caminhamos com Angela, seguimos em um rumo e seguimos em um tempo... se caminhamos com Tamiris ou outra liderança local, seguimos outro rumo e seguimos em outro tempo. E mesmo que aconteça na semana seguinte e nas próximas, cada semana será marcada por um rumo e por um tempo diferente.

O cotidiano do Vale do Carangola também afeta o rumo que tomamos quando caminhamos por suas ruas, servidões e encruzilhadas. Qualquer acontecimento afeta o nosso rumo, inclusive, quando não acontece nada...

Se avexe não
Amanhã pode acontecer tudo, inclusive nada [...]
Se avexe não
Toda caminhada começa no primeiro passo
A natureza não tem pressa, segue seu compasso Inexoravelmente chega lá
Se avexe não Observe (...)
(Flávio José, A Natureza das Coisas¹⁶).

...a morte de alguém por morte morrida ou por morte matada, a presença das barcas¹⁷, a agitação do movimento... porque o cotidiano é esse não lugar onde tudo acontece, inclusive nada; é esse não espaço onde a vida “miúda e quase sem brilho do povo que mora no Vale”¹⁸ acontece.

É ali, no cotidiano, que sujeitos encarnados lutam, sofrem, são explorados, subalternizados, resistem, usam astúcias para se defender das estratégias dos poderosos, se organizam para sobreviver, e assim vivem, lutam, sobrevivem e, como todos os mortais, um dia morrem. Não esquecendo que uns morrem antes do que outros, dadas as condições de vida, no limite da morte, a que estão expostos (Garcia, 2003, p. 195).

¹⁴ Trecho retirado de TAMMELA, R. **Diário de sentimentos de campo**. Petrópolis: [s. n.], 2020. Não publicado.

¹⁵ Depoimento de Angela. Trecho retirado de TAMMELA, R. **Diário de sentimentos de campo**. Petrópolis: [s. n.], 2024. Não publicado.

¹⁶ Trecho da letra da música A Natureza das Coisas, de Flávio José.

¹⁷ Como as gentes do Vale do Carangola chamam essas viaturas grandes da Polícia Militar.

¹⁸ Frase da música Itamarandiba, de Milton Nascimento.

O cotidiano das classes populares, lugar das sujeitas e dos sujeitos...

Eletrizados

Cruzam os céus do Brasil Na rodoviária

Assumem formas mil Uns vendem fumo

Tem uns que viram Jesus Muito sanfoneiro

Cego tocando blues Uns têm saudade

E dançam maracatus Uns atiram pedra Outros passeiam nus

Mas há milhões desses seres Que se disfarçam tão bem Que ninguém pergunta

De onde essa gente vem São jardineiros

Guardas-noturnos, casais São passageiros Bombeiros e babás

[...]

São faxineiros

Balançam nas construções São bilheteiras

Baleiros e garçons

(Chico Buarque, Brejo da Cruz).¹⁹

... esse cenário do imprevisível, em que diferentes tempos confluem e se encontram em uma narrativa de re-existência e resistência. Nenhum momento é igual e não pode ser repetido. Talvez, e só talvez, o traçado das ruas, servidões e encruzilhadas seja o mesmo, mas o meio e as gentes que habitam lá foram afetadas e sofreram transformações... tempo, tempo, tempo, tempo... fluiu e coisas aconteceram e as interações recorrentes que aconteceram provocaram mudanças que, inevitavelmente, vão se expressar nos afetos, no sentir, no refletir sobre o sentir, no compreender do mundo, no transformar da vida, no caminhar, no encontrar, no escutar, no dialogar, no se entender como seres históricos, como seres inacabados, no SER MAIS (Freire, 2020), na luta contra o ser menos a que estão submetidas e submetidos.

Como extensionistas sentipensante²⁰, somos parte desse sistema – Angela(liderança)-gentesdoValedoCarangola-Extensionistas somos afetadas pela recorrência das interações que acontecem nos encontros. Cada vez que nos colocamos na experiência de caminhar à *deriva* pelas ruas, servidões e encruzilhadas do Vale do Carangola ao lado de Angela ou outra liderança local, e nesse percurso encontramos recorrentemente as gentes que moram lá ou que estão lá, somos afetadas e sofremos mudanças que determinam a formulação de nossos pensamentos, nossas condutas e nossos comportamentos, e quando retornarmos em outra semana, já não seremos as mesmas extensionistas, não teremos os mesmos olhares, as mesmas escutas, as mesmas leituras, as mesmas percepções, as mesmas sensações, os mesmos sentimentos.

¹⁹ Trecho da letra da música Brejo da Cruz, de Chico Buarque.

²⁰ Que pensa com o coração, combinando razão e amor, integrando corpo e coração. Um conceito de Fals Borda. Vamos abordar a extensão sentipensante em outro texto.

Era uma revelação
E era também um segredo Era sem explicação
Sem palavras e sem medo

Era uma contemplação
Como com lente que aumenta Era o espaço em expansão
E o tempo em câmara lenta

Era tudo em comunhão Com o um e tudo à solta Era uma outra visão Das coisas à nossa volta

Indo por entre, por dentro Aprendendo a apreensão
De tudo bem dês do centro Do fundo, do coração
Era qual uma visão
De um milagre microscópico O infinito num botão
E em ritmo caleidoscópico
(Chico César, Experiência).²¹

Maturana (2006, p. 86) nos conta que, com a história da recorrência das interações do sistema Angela(liderança)-gentesdoValedoCarangola-Extensionistas, acontece uma coordenação consensual de condutas e a “língua surgirá como condição inevitável”. Quando, portanto, escolhemos caminhar à *deriva* pelas ruas, servidões e encruzilhadas do Vale do Carangola, escolhemos ser parte desse sistema que, como dissemos, está em constante mudança e em constante interação, construindo condutas consensuais e vivendo o espetacular surgimento da linguagem e do afeto.

Imagem 1 – Conversa com uma moradora em uma caminhada, durante a pandemia de COVID-19



Fonte: Foto do acervo do Projeto de Extensão Comunitária Vale do Carangola.

²¹ Trecho da letra da música Experiência, de Chico César.

[...] quando veio a pandemia da COVID-19, os equipamentos públicos diminuíram suas ações no bairro – a escola e as creches fecharam e a unidade de saúde da família e o centro de referência em assistência social restringiram bastante seus atendimentos. Nós continuamos no bairro, encontrando as gentes que moram no Vale do Carangola, encontrando e dialogando, escutando... para as gentes de lá, não parecia que vivíamos uma pandemia – o fique em casa não encontrava sentido ali. E continuamos a caminhar e a encontrar as gentes e a ouvir suas dúvidas, seus medos, suas fés, suas histórias, suas experiências... a gente ouvia e abraçava, a gente ouvia e cuidava e éramos cuidadas. Em uma dessas caminhadas, encontramos Dona Maria sentada em um banquinho perto de sua casa. Ela mora em uma servidão e não tem calçada, e as gentes dividem o espaço com os carros parados ou em movimento. É asfaltada e não é estreita, mas também não é larga. Dona Maria era uma mulher negra e devia ter uns setenta e poucos anos, e trazia alguns problemas de saúde que não conseguia agendar para resolver e tentamos ajudar ela. A neta de Dona Maria mexia em seu cabelo, é uma menina negra e devia estar com 10 anos. Angela se acocorou no chão, ao lado de Dona Maria e ouvia a conversa. Nós éramos três extensionistas, eu e mais duas alunas. A gente estava em pé, diante de Dona Maria e usávamos máscara e carregávamos álcool gel e vestíamos o colete verde da extensão. Dona Maria, a neta dela e Angela não usavam máscara. Na mão das extensionistas, seus diários de campo, e a gente conversava e Dona Maria sorria... e sorria com os olhos também... Dona Maria contava de suas dificuldades para marcar médico e de suas histórias... a gente ouvia e o centro do mundo era ali, com as histórias de Dona Maria, com Dona Maria, com a neta dela e com Angela].²²

Ao encontrar a outra ou o outro, surge o afeto – mas antes acontece a linguagem... *bom dia / boa tarde / boa noite, como se sente hoje? / Seu Chico, me conta essas histórias?*... as palavras são como o toque: quando as gentes que encontramos contam suas histórias, suas experiências, elas nos tocam, não com os dedos, mas com ondas sonoras que desencadeiam mudanças (Maturana, 2006) que têm a ver com cada extensionista que está na experiência, e para cada uma, a intensidade do toque será diferente, e vai acontecendo o afeto, vai acontecendo o amor...

Leonardo Boff (2022, p. 126) fala que o “amor é fundamento do fenômeno social e não uma consequência dele. Em outras palavras, é o amor que dá origem à sociedade; a sociedade existe porque existe o amor e não ao contrário, como convencionalmente se acredita”. Quando caminhamos à deriva por essas linhas riscadas na escassez, nos colocamos ex-postas ao afeto,

²² Trecho retirado de TAMMELA, R. **Diário de sentimentos de campo**. Petrópolis: [s. n.], 2020. Não publicado.

nos colocamos ex-postas ao amor, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e poética. No encontro, estamos abertas à outra... ao outro, estamos em um movimento de confluência.

Como um rio, que nasce de outros, sabe seguir junto com outros sendo
e noutros se prolongando
e construir o encontro com as águas grandes do oceano sem fim.
(Thiago de Mello, Como um rio).²³

Para Nêgo Bispo, confluência é “uma mistura de seres que dialogam nessa linguagem cosmológica e que tem uma cosmovisão parecida (...) é esse encontro, que vai, que volta, e se juntam, se misturam, se fortalecem, mas não deixam de existir” (Santos, 2020).

É o amor que nos abre para uma experiência comunitária. Não o amor no sentido da paixão ou da emoção, pois estas, a paixão e a emoção, são passageiras, são efêmeras – a primeira se possui e a segunda se dá. Mas o amor que é sentimento, e sentimentos são “feitos do tempo das relações, dos laços que nos fazem ser o que somos” (Kohan, 2019, p. 131).

Ao caminhar à deriva pelas ruas e servidões do Vale do Carangola, não caminhamos ao acaso, mas motivadas ao encontro, no rumo e no tempo determinado por quem caminha e pelo cotidiano de onde caminhamos... os encontros não acontecem por acontecer, eles acontecem como resultado de uma interação, e se essa interação é recorrente, somos afetadas e nos acontecem mudanças e acontece a linguagem... que nos toca... e no toque, que pode ser sonoro, mas também pode ser físico, pelo abraço, acontece o afeto, acontece o amor... e no amor acontece o compromisso, acontece a confluência.

“Não foi a luta pela sobrevivência do mais forte que garantiu a persistência da vida e dos indivíduos até os dias de hoje, mas a cooperação e a coexistência entre eles” (Boff, 2022, p. 126). O amor é, portanto, compromisso com essas gentes, compromisso com suas lutas, com suas histórias, com suas experiências, com o SER MAIS (Freire, 2020). Onde quer que estejam, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. “Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico” (Freire, 2020, p. 111). Ao mesmo tempo, “A experiência nos acontece, nos encontramos nela e nos encontramos na linguagem, e em seguida explicamos o que fazemos. De modo que, de certa maneira, a vida é uma poesia contínua. Infelizmente costumamos ser cegos a isso” (Maturana, 2006).

²³ Trecho da poesia Como um rio, de Thiago de Mello, musicada por Olivia Byington e Edgard Duvivier.

- BARROS, M. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BENJAMIN, W. **Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2022.
- CHICO, B. **Brejo da cruz**. Paris: Philips Records, 1984. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45117/>. Acesso em: 5 dez. 2024.
- CÉSAR, C. **Experiência**. Rio de Janeiro: MZA Music, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-cesar/206022/>. Acesso em: 5 dez. 2024.
- FREIRE, A. M. A. Inédito viável. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOKSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. São Paulo: Autêntica, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 73. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.
- GARCIA, R. L. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: GARCIA, R. L. *et al.* **Método, métodos, contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.
- JOSÉ, F. **A natureza das coisas**. Paraíba: LBC Gravações, 2004. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/flavio-jose/200188/>. Acesso em: 5 dez. 2024.
- KOHAN, W. **Paulo Freire mais do que nunca: uma biografia filosófica**. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, 2002. DOI 10.1590/S1413-24782002000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/>. Acesso em: 15 jul. 2024.
- MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- MELLO, T. Como um rio. **Xapuri**, Formosa, n. 121, 2024. Disponível em: <https://xapuri.info/como-um-rio-poema-de-thiago-de-mello/>. Acesso em: 5 dez. 2024.
- NASCIMENTO, M. **Itamarandiba**. Nova York: Seleções Reader's Digest, 1980. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47429/>. Acesso em: 5 dez. 2024.
- SANTOS, A. B. **Confluências**. Youtube, 2020. 1 vídeo (7 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VhgVFS-hs_o. Acesso em: 13 jul. 2024.
- SIMAS, L. A. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- TAMMELA, R. **nos caminhos de uma extensão sentipensante**. 2020. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Teologia e Humanidades, Programa de Pós-Graduação

em Educação, Universidade Católica de Petrópolis, 2020. Disponível em:
https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11896417. Acesso em: 15 mar. 2024.

Submetido em 4 de agosto de 2024 a convite dos editores.